

NSISA BR

"Discos voadores" — Descobriu-se que os últimos "discos voadores" surgidos na Guanabara foram construídos no subúrbio de Irajá. Página 6.

Estranhos, mas caseiros, aqueles "discos" de Irajá

Do Sucursal do Rio

Os moradores do subúrbio de Irajá, no Rio de Janeiro, que já andavam intrigados com os frequentes aparecimentos de "discos voadores" sobre aquela zona, ficaram surpresos ao saber que os "engenhos" foram fabricados naquela mesmo bairro por algumas pessoas de espírito e de muita imaginação.

Por sua vez, aos autores da brincadeira têm-se divertido bastante com as notícias publicadas pelos jornais, segundo as quais várias pessoas têm visto no céu, nestes últimos domingos, "estranhos objetos realizando manobras aéreas fora do comum".

A idéia de construir "discos" surgiu há um mês quando um grupo de moradores de Irajá, após o almoço, aproveitava o domingo jogando cartas num bar estabelecido naquele subúrbio. Durante o jogo surgiu o assunto sobre os "discos voadores", ocasião em que um dos componentes do grupo apostou que seria capaz de fazer e de lançar um desses engenhos.

O projeto foi explicado e imediatamente melhorado pelas sugestões apresentadas ao autor da idéia. Para construir o "disco" os seus inventores fizeram inicialmente, com papel comum, um balão junino do tipo chamado "tangerina", isto é, achatado e com as bordas arredondadas.

Em vez de equiparar o balão com bucha, o grupo introduziu no seu interior balões de borraça cheios de gás leve. Depois de hermeticamente fechado, o balão de papel foi pulverizado pelo lado de fora com uma tinta aluminizada, cuja fórmula foi in-

ventada pelo próprio grupo. Concluída a pintura, o engenho ganhou a aparência de um autêntico "disco voador".

Discos à vista

Tão logo foi lançado, o "disco" revelou-se à altura do seu nome, pois em razão do seu formato, sempre que recebia uma golfada de vento punha-se a girar, como se fosse movido por um mecanismo interior. Além disso, ao girar, seus gomos produziam reflexos luminosos causados pela luz solar, impressionando mesmo aqueles que o tinham fabricado.

Conforme atingia zonas quentes ou frias de correntes aéreas, o engenho subia ou descia horizontalmente, efetuando manobras realmente estranhas para uma nave aérea. As rápidas quedas e ascensões do balão, aliadas a sua rotação e ao seu brilho invulgar, foram o suficiente para que fosse tomado para os que desconheciam a sua origem como um verdadeiro "disco voador".

Esse primeiro "disco" de proporções relativamente pequenas, recebeu o nome de "Jaraguá I" e foi impulsionado por 12 balões de gás. Seu sucessor, o "Jaraguá II", já voou sustentado por 20 balões. O "Jaraguá III" lançado

anteontem bateu o recorde em matéria de tamanho, uma vez que levava em seu bojo nada menos do que 40 balões de gás.

Para domingo que vem os "discos" de Irajá prometem o lançamento de um "super-disco". Segundo afirmaram, este engenho terá quase 10 metros de diâmetro e será impulsionado por 80 balões de gás.

O mistério

Entretanto, em toda essa história há pormenor que os próprios fabricantes não sabem explicar e que dá portanto ao caso um toque de mistério: é que até hoje

não caiu nenhum dos "discos voadores" lançados do subúrbio de Irajá.

O grupo acredita que os seus "discos", sendo feitos de papel, rompem-se após algum tempo, depois de acumular suficiente umidade atmosférica, e deixam escapar muitos dos seus balões de gás, caindo logo a seguir com os balões remanescentes, que não possuem força suficiente para mantê-lo no ar. Entretanto, até esta data, ainda não encontraram em nenhum jornal notícias referentes às "aterrissagens" dos seus engenhos.